

BIOGRAFIAS SANTA-CRUZENSES: EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

José Antônio Moraes do Nascimento
Mateus Silva Skolaude
Luiz Fernando Machado Koch

GRUPO DE TRABALHO: GT3: Cultura, identidade e territórios:

RESUMO

A comunicação apresenta o projeto Biografias santa-cruzenses: educação, história e patrimônio cultural, realizado entre agosto e dezembro de 2022 com turmas do 1º ano do Ensino Médio da Escola Educar-se, na disciplina de Prática e Produ(A)ção Científica. A partir de uma saída de campo ao Cemitério Municipal de Santa Cruz do Sul (RS), os estudantes elaboraram biografias de sujeitos sepultados no local, conectando suas trajetórias a contextos históricos, sociais e culturais da região. Com abordagem interdisciplinar, o projeto integrou os campos da Educação, História, Memória e Patrimônio, promovendo o protagonismo estudantil, a pesquisa científica e o fortalecimento dos vínculos territoriais. A iniciativa teve ampla repercussão na imprensa regional e despertou o interesse de investigadores internacionais especialistas na área dos estudos cemiteriais. Em 2024, suas influências formativas também foram analisadas em um Trabalho de Conclusão de Curso em História na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). O projeto reforça o papel da escola na preservação da memória coletiva, do patrimônio e da história local, como forma de compreender as relações entre atores sociais, tempos e espaços na construção do território.

Palavras-chave: Educação. História local. Memória. Desenvolvimento regional.

GT3: Cultura, identidade e territórios

INTRODUÇÃO

O texto a seguir discute o trabalho realizado no projeto Biografias santa-cruzenses: educação, história e patrimônio cultural, que reuniu os campos da Educação, História, Memória e Patrimônio. Essa iniciativa optou por colocar os alunos do 1º Ano do Ensino Médio no centro do desenvolvimento da pesquisa, promovendo sua autonomia como estudante e

XII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional
<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/index>
Santa Cruz do Sul, 2025

como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, o colocando em contato direto com elementos que remetem a história e a construção do território local, além de trazer a experiência da produção científica, conforme exigido pela disciplina de Prática e Produ(A)ção Científica, onde essa pesquisa foi desenvolvida.

Para atingir os objetivos propostos por essa disciplina, que está presente na grade curricular do Núcleo Comum da Escola de Educação Básica Educar-se, assim como na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), foi necessário elaborar uma atividade que desenvolvesse e ampliasse a capacidade de problematizar, de investigar, de agir de forma metodológica e científica na realidade social, assim introduzindo a pesquisa e a produção científica, pontos que segundo Paulo Freire, andam em comunhão com o ensino.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo edoco e me edoco. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Freire, 1996, p.14).

Foi pensando nessa demanda que os professores de história Mateus Silva Skolaude e Cícero Augusto Richter Schneider, juntamente com a professora de matemática Tayná Luiza Henn, desenvolveram uma pesquisa multidisciplinar que consistia em biografar atores sociais com “notoriedade pública” e “anônimos” sepultados no Cemitério Municipal de Santa Cruz do Sul (RS), de modo a historiar a trajetória destes sujeitos, articulando-os ao contexto social, cultural, político e econômico no qual estiveram inseridos. O projeto foi executado entre os meses de agosto e dezembro de 2022, em duas horas/aula, todas as quintas-feiras, nas duas turmas de 1º do Ensino Médio, num total de 40 estudantes.

Esse texto visa explicitar os embasamentos teóricos e epistemológicos que levaram à elaboração desta atividade, apresentando os conceitos de patrimônio cultural e educação patrimonial, entendendo que estes são elementos e ações que permeiam a noção de memória coletiva e identidade local, pois podem trabalhar para a valorização e reflexão histórica do território. Com isso, também será abordada a possibilidade de conexão entre a educação escolar e o desenvolvimento regional, buscando situar as instituições educacionais no processo de construção identitária e cultural do território e da região.

Por fim será apresentado as cinco fases do projeto: embasamento teórico; saída de campo; coleta de fontes; produção textual e apresentação das biografias, e por fim as repercussões, tanto midiáticas quanto acadêmicas, que as produções dos alunos geraram, mostrando a importância que iniciativas como essa podem ter em relação a preservação e valorização da história local.

PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

O conceito moderno de patrimônio cultural surgiu após a Revolução Francesa do século XVII. Nesse contexto, também surgiu o modelo de estado-nação, constituído pelo sentimento de nacionalidade que unificou a população através de uma língua, cultura e história de origem em comum, sendo esses elementos unificadores transmitidos ao longo das gerações por meio das políticas culturais e educacionais do país. Tal processo contou com o uso de suas bases materiais, utilizando-os como símbolos de sua cultura e nação, transformando-os em seu patrimônio nacional, assim gerando o molde do que passou a ser considerado patrimônio (Funari, Pelegrini, 2006).

Comentado [1]: Formatação

Então, há de se entender que, para um objeto se tornar patrimônio, sendo ele material ou imaterial, natural ou fabricado, é necessário que uma sociedade, ou uma parcela dela, empregue um certo valor simbólico que o ligue aquela cultura de forma significativa, o destacando, entre seus semelhantes, como substância representativa.

Muitas vezes, alguns daqueles objetos triviais que se diferenciam dos seus iguais devido ao fato de terem participado de eventos que se convencionou chamar de históricos. Passam a ter respeitabilidade que os demais não possuem. É a sacralização do objeto (Lemos, 1985, p. 12-13).

Seguindo a linha de entendimento do patrimônio como um processo de negociação e imputação de valores históricos e culturais, que estão sendo constantemente revisados, lembrados ou esquecidos conforme a necessidade do tempo presente (Smith, 2021), chega-se a ideia de que a criação desses bens culturais também é um ato de escolha e exclusão, ou seja, um espaço de disputa de poder. Esse aspecto de conflito, assim como o patrimônio em geral, está fortemente presente na lógica da territorialidade, pois esta trabalha com a noção de pertencimento que os sujeitos e os grupos possuem de um determinado espaço e que nele se apropriam do material e imaterial como parte de sua memória e identidade (ALBINATI, 2018). Assim sendo, o patrimônio contribui para o desenvolvimento da memória individual e coletiva do local em que está inserido.

Essa ligação entre a identidade local e o patrimônio não é fixa e nem eterna, quando a população não se vê mais representada por aquele símbolo histórico, seja por

desconhecimento sobre sua história, por troca de valores entre gerações ou por desapropriamento daqueles que o vivem, o patrimônio perde sua força como elemento de identificação do território e de sua cultura. Sobre isso, as autoras Mancini e Merlotti Heredia afirmam que:

Manter essa identidade é essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas a seus antepassados, a um território, a costumes e hábitos que lhe transmitem segurança e que lhes comunicam quem são e de onde vêm (Mancini; Heredia, 2024, p. 52).

Para trabalhar a manutenção dessa memória coletiva e da história local é importante destacar a função da educação patrimonial como parte essencial para formação do sentimento de identificação e apropriação, bem como a construção de políticas de valorização e proteção ao patrimônio cultural (Florêncio, 2019). A função da educação nesse âmbito é de mediar a relação do sujeito com a cidade e seu patrimônio cultural, utilizando-se de metodologias variadas, pois se trata de um campo transversal e diverso (Souza, 2022). Isso implica que existe uma necessidade congênita em trabalhar a educação patrimonial em um formato interdisciplinar, pois se trata de uma “confluência entre educação, a memória, a cultura, o patrimônio e a preservação” (CHAGAS, 2006, p. 5), e para abordar tais aspectos de forma apropriada, é preciso evitar uma visão nichada e partir para um olhar amplo e aberto ao diálogo com as outras áreas do saber, como por exemplo a Antropologia, Arqueologia, Geografia, Biologia e Arquitetura, que podem enriquecer o processo de produção do conhecimento, trazendo novas observações, análises e conclusões sobre o objeto de estudo (Silveira, Bezerra, 2007).

Seguindo o entendimento dessa área como um campo diverso, levando em conta também o alargamento do conceito de patrimônio apresentado no Art. 216 da Constituição Federal Brasileira (Brasil, 1988) e as diretrizes sobre educação patrimonial presentes na Portaria do Iphan em 2016, é notável olhar os cemitérios como um espaço de valor histórico e cultural, por consequência, de identidade de um determinado grupo, afinal são locais de recordação mas também de esquecimento, repletos de subjetividades (PORTAL, 2020), o que torna-os elegíveis a categoria de patrimônio, e como tal, devem ser empregados nas iniciativas de preservação, tanto públicas quanto privadas. É importante relembrar que para que isso ocorra, é necessário tratar os cemitérios como possibilidade de objeto de estudo e de ações patrimoniais, principalmente para continuação, ou até ressignificação, da memória coletiva que o patrimônio evoca sobre o seu território.

Os cemitérios podem ser entendidos e analisados enquanto patrimônio cultural visto que contemplam cultura, memória, identidade e arte, além de outros significados relacionados à vida social. Os cemitérios são espaços construídos socialmente, onde ocorrem diferentes práticas sociais, permitindo a leitura cultural da sociedade onde insere-se (Mancini; Heredia, 2024, p. 53).

Quando se trata, mais especificamente, da aplicação de atividades pedagógicas nesses espaços, que oferecem variadas opções de foco para estudo, o contato dos estudantes com os sujeitos que ali jazem, que podem ser artistas, políticos, empresários, personalidades conhecidas ou até mesmo indivíduos anônimos, “apagados” do registros oficiais, apresenta a eles o conceito de continuação e de esquecimento do passado que permeia o processo contínuo de construção e manutenção identitária da nossa sociedade. Nesse sentido, o cemitério além de ser o local de ritos de sepultamento, também é onde podemos tocar a memória local, tanto a coletiva quanto a individual, lembrar do passado “esquecido”, apresentar a história não contada dos pequenos sujeitos e até ressignificar a memória das grandes personalidades (PORTAL, 2020).

Essa revitalização do espaço cemiterial através de diferentes práticas, trazendo as pessoas para uma relação mais próxima e significativa, sensibiliza a população, tanto nas esferas públicas quanto privadas, para a necessidade de preservação destes patrimônios culturais presentes na arquitetura urbana.

EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E SUA CONEXÃO COM O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Um dos desafios da educação contemporânea é a elaboração e aplicação de aulas que atendam às novas demandas que surgiram com as transformações sociais, culturais e tecnológicas da sociedade em que os alunos do século XXI estão inseridos (Duque et al, 2022). O método tradicional de educação, que mantém o processo centralizado na figura do professor como transmissor do conhecimento, segundo Costa Júnior et al (2022), não apresenta respostas suficientes para as exigências do ensino moderno, pois este carrega demandas como a preparação dos estudantes para o mundo tecnológico e globalizado, a necessidade de uma ótica interdisciplinar que conecte os conteúdos, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, a promoção da diversidade cultural e ética, e que principalmente foque no aluno como personagem ativo na construção do conhecimento, levando em consideração os interesses e as experiências individuais, para que se aproprie do

conhecimento que ele próprio produziu se tornando protagonista de sua própria aprendizagem, enquanto a figura do professor se transforma em um facilitador das aprendizagens (Castro, 2022).

Outro elemento importante a ser desenvolvido é a autonomia do estudante, que surge em um ambiente em que o aluno é tratado como sujeito ativo da sua educação, podendo compartilhar suas ideias, negociar processos e tomar decisões individuais e coletivas. Essas características, acompanhadas de um ensino contextualizado com situações e problemas da realidade dos estudantes, servem como agente motivacional. Ao deslocar o centro do processo de aprendizagem do professor para o aluno, o torna protagonista na própria educação, tornando os capazes de autorregulação, pensamento crítico e criativo, e trabalho colaborativo (Costa Júnior et al, 2022), e muito mais preparados para atuar como cidadãos transformadores e colaboradores do desenvolvimento da sua região. Aqueles que, por ventura, tiveram acesso a essa educação crítica, reflexiva e contextualizante, estão mais preparados para “aproveitar os recursos e potencialidades endógenos das regiões” (Souza; Friesleben, 2018, p. 166), pois vivenciaram práticas pedagógicas que aproximaram o conhecimento a sua realidade, os permitindo pensar em soluções para questões-problemas da sociedade em que se encontram inseridos.

Esse vínculo da educação contemporânea como impulsionador do desenvolvimento regional tem como sua principal base o processo transformador dos indivíduos, que busca combater o subdesenvolvimento e converter os estudantes em profissionais competentes e especializados, principalmente para o trabalho em sua região, aptos a contribuírem tanto para a prosperidade econômica quanto para construção de uma equidade social (Gubowsky et al, 2020).

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E A SAÍDA DE CAMPO

Visando atingir seu objetivo principal, a pesquisa adotou um comportamento pedagógico que desse enfoque principalmente na experiência científica. A metodologia escolhida para isso consistiu na separação da atividade em cinco fases, tanto teóricas quanto práticas, que apesar de distintas, estavam correlacionadas e se completavam ao longo da tarefa, as fases foram as seguintes: embasamento teórico; saída de campo; coleta de fontes; produção textual e apresentação das biografias. Durante esses processos, os alunos tiveram que acessar e investigar arquivos, além de trabalhar com seleção, entrecruzamento, análise e realizar as interpretações sobre as fontes obtidas.

Nos primeiros encontros, relacionados ao embasamento teórico, além da apresentação do projeto de pesquisa pelos professores coordenadores e da divisão dos grupos de estudantes – no mínimo de dois e no máximo de três componentes –, também foi privilegiada a exposição de estudos que, em certa medida, guardavam relação com a proposta indicada. Destaca-se o filme apresentado e debatido: *Menino 23: Infâncias perdidas no Brasil*. Esta produção é resultado de uma pesquisa de doutorado realizada pelo historiador Sydney Aguilar Filho, que foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Num segundo momento, a proposta foi uma saída de campo junto ao Cemitério Municipal de Santa Cruz do Sul, na manhã do dia 25 de agosto de 2022. Nesta data, os estudantes, acompanhados dos professores, saíram da escola em direção ao local da pesquisa, onde permaneceram das 09:30 até às 12:00. Na necrópole, os discentes tiveram a oportunidade de percorrer o espaço sob a orientação do zelador municipal, que enfatizou, em sua abordagem, a história do cemitério, a dimensão cartográfica em diferentes temporalidades, a separação entre católicos e protestantes – que foi extremamente presente entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX –, assim como a indicação de alguns jazigos mais imponentes, as famílias tradicionais e as personalidades políticas, empresariais e religiosas que ali estavam sepultadas.

Na sequência, os grupos exploraram de forma autônoma o espaço do cemitério, identificando jazigos, tirando fotos, buscando informações dos personagens e selecionando uma ou mais lápides enquanto objeto e fonte a ser pesquisada. Neste particular, salienta-se que não foram estabelecidas indicações específicas de seleção, ou seja, a escolha partiu da autonomia e da liberdade dos grupos e segundo parâmetros que os próprios estudantes estabeleceram como critério.

A única ressalva indicada pelos professores coordenadores foi em relação à necessidade de os grupos selecionarem, num primeiro momento, mais de um ator social a ser biografado. A questão central a ser enfatizada nesta ressalva diz respeito à hipótese de os grupos não conseguirem fontes relacionadas ao “plano A”. Neste sentido, aconselhou-se que os grupos identificassem mais de um ator social enquanto “planos B, C e D”, na medida em que a sequência do trabalho poderia ficar extremamente comprometida, tendo em vista a inviabilidade das fontes e o tempo bastante exíguo para execução do projeto.

Os atores sociais sepultados no cemitério municipal que foram selecionados para serem biografados foram os seguintes: Matheus Rafael Raschen (18 de abril de 1992 – 31 de janeiro de 2013); Armando Wink (09 de agosto de 1929 – 15 de setembro de 2014); Luis Arthur Jacobus (29 de março de 1924 – 13 de julho de 1971); Mustafa Husni Hasan Ali (15 de

agosto de 1933 – 02 de março de 2007); Friedrich Wilhem Bartholomay (06 de junho de 1839 – 09 de junho de 1888); Arno João Frantz (09 de agosto de 1922 – 12 de dezembro de 2019); Julio Machado da Silva (13 de janeiro de 1922 – 03 de novembro de 2006); Alcirio José Kessler (09 de agosto de 1948 – 21 de abril de 1971); Hainsi Gralow (19 de junho de 1939 – 01 de março de 2006); Flora Dornelles (26 de dezembro de 1929 – 26 de junho de 2006); Wilson Kniphoff da Cruz (14 de março de 1945 – 05 de janeiro de 2007); Valdir Waechter (08 de janeiro de 1954 – 21 de março de 2010); Carl Robert Gründling (13 de julho de 1873 – 27 de setembro de 1936); Heinz Von Ortenberg (01 de dezembro de 1879 – 10 de dezembro de 1959); Rejane Wartchow (26 de dezembro de 1957 – 10 de outubro de 2018); Célia Elisa Müller Ferrugem (19 de novembro de 1941 – 19 de março de 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando a educação para além da sala de aula, a proposta inusitada da utilização de uma saída de campo em um espaço cemiterial como parte de um método pedagógico para a produção científica de biografias de atores sociais de Santa Cruz do Sul, se mostrou como uma atividade pensada e elaborada nos moldes contemporâneos de ensino, pois desde sua idealização teve como premissa colocar os estudantes como os principais sujeitos atuantes do projeto.

As diferentes fases que estiveram presentes no desenvolvimento da pesquisa traspassaram por diversos campos do conhecimento, trazendo uma interdisciplinaridade que contribuiu para o aperfeiçoamento de variadas habilidades acadêmicas e socioemocionais, como a ampliação da capacidade de pesquisa, de escrita, síntese e apresentação, assim como o refinamento do pensamento crítico, do trabalho em grupo, da comunicação e do sentimento de autonomia dos alunos enquanto indivíduos capazes aprender e produzir, itens que atualmente são considerados essenciais para um processo de ensino mais completo, reflexivo e transformador.

Em especial, é válido destacar a aproximação dos alunos com o patrimônio cultural da cidade, nesse caso, a arquitetura tumular do cemitério municipal. O contato com esse elemento patrimonial destacou a necessidade de preservar esses espaços de memória, pois através de um deles foi possível aprofundar uma conexão dos estudante com a história local, os incentivando a partir para a pesquisa com fontes documentais e história oral dos familiares e conhecidos dos atores sepultados, procurando entender as contribuições individuais dos

biografados para a construção identitária e o desenvolvimento econômico e cultural da região.

Toda essa iniciativa resultou em repercussões em amplas camadas. Sobretudo a fase da saída de campo, despertou a atenção da mídia local, que publicou, em material impresso e virtual, sobre o projeto em duas ocasiões distintas, no dia 26 de agosto de 2022, um dia após a visita ao cemitério, e no dia 2 de novembro, data alusiva ao feriado de finados. A matéria online do no Portal Gaz (<https://www.gaz.com.br>), chegou, através das redes sociais, ao conhecimento do antropólogo italiano Michelangelo Giampaoli, professor na Universidade de Chicago, que é referência mundial no estudo de espaços funerários e na relação entre o homem e a morte, o que possibilitou organizar uma conferência virtual realizada na manhã do dia 15 de setembro.

Já sobre as produções das biografias construídas pelos alunos, o trabalho de um dos grupos, que biografou um imigrante palestino e muçulmano sepultado no cemitério, alcançou uma relevante notoriedade em mostras científicas da região, onde ganhou menção honrosa na Feira de Ciências da UNISC em 2023 e foi destaque na Mostra Venâncio-Airense de Cultura e Inovação (MOVACI).

Para entender a visão dos próprios alunos acerca do projeto, foi desenvolvido um Trabalho de Conclusão de Curso em História na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) no ano de 2024, que aplicou um questionário misto com os alunos, que no momento já estavam no 3º ano do ensino médio, para quantificar e avaliar as contribuições que os alunos sentem que a atividade gerou. Nessa pesquisa, um dos dados obtidos foi que cerca de 76% dos participantes afirmaram que tiveram uma ampliação no interesse pela história local, principalmente sobre as origens de cidade de Santa Cruz do Sul e da diversidade de sua população.

Com todos os pontos apresentados neste texto, é possível concluir como a aplicação desse projeto contribuiu para que os estudantes tivessem uma experiência científica que os promoveu como sujeitos ativos no processo de educação, capazes de colaborarem e transformarem seu meio, além de os sensibilizar para a história e a memória local, percebendo a importância destes na construção da identidade cultural do território santacruzense.

REFERÊNCIAS

ALBINATI, M. L. Apropriação do patrimônio cultural na região portuária do Rio de Janeiro: políticas culturais entre a territorialidade e a exploração. **PragMATIZES - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura**, v. 21, p. 177–187, 2018.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

CASTRO, É. DE; BRAZÃO, P. Educação contemporânea e inovação pedagógica: Um novo paradigma. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. e022119, 2022. DOI:

10.22633/rpge.v26i00.17221. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/17221>. Acesso em: 21 maio. 2025.

CHAGAS, M. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Revista Eletrônica do Iphan**. Dossiê Educação Patrimonial No, 2006.

COSTA JÚNIOR, J. F. As Metodologias Ativas no processo de Ensino/Aprendizagem e a autonomia docente: um breve estudo sob a ótica de John Dewey. **Traços e Reflexões**, v. 5, p. 43–63, 2022.

COSTA JÚNIOR, J. F. et al. Os novos papéis do professor na educação contemporânea. Rebena - **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, p. 124–149, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/99>. Acesso em: 21 maio. 2025.

DUQUE, R. DE C. S. et al. As práticas inovadoras na educação. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e03111738285, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i17.38285. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38285>>. Acesso em: 28 maio. 2025.

FLORÊNCIO, S. R. Política de educação patrimonial no Iphan: diretrizes conceituais e ações estratégicas. **Revista CPC**, v. 14, n. 27esp, p. 55–89, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUMBOWSKY, A. et al. Educação e desenvolvimento regional: a Unesco e as interseções com o desenvolvimento regional. **Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão**, p. 79–93, 2020. DOI: 10.33836/interacao.v22i2.371. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/interacao/article/view/371>. Acesso em: 28 maio. 2025.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Portaria no 137, de 28 de abril de 2016. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. **Diário Oficial da União**, 2016.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MANCINI, L.; ANGÉLICA, M.; HEREDIA, V. Memórias, Patrimônio Cultural: possibilidades para turismo cultural. **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, p. 45–71, 2024. DOI: 10.18616/rdsd.v10i1.8514. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/8514>. Acesso em: 28 maio. 2025.

PORTAL, J. Ensinar história a partir do esquecimento: um estudo de caso de educação patrimonial no Cemitério da Santa Casa, Porto Alegre/RS. Porto Alegre/RS. Revista M, n. 10, p. 383–395, 2020. DOI: 10.9789/2525-3050.2020.v5i10.383-395. Disponível em: <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/9944>. Acesso em: 28 maio. 2025.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu; BEZERRA, Marcia. Educação patrimonial: perspectivas e dilemas. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornelia; BELTRÃO, Jane (org.). **Antropologia e patrimônio cultural**. Diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 81-97.

SMITH, L. Desafiando o Discurso Autorizado de Patrimônio. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 21, n. 2, p. 140, 2021. DOI: 10.18472/cvt.21n2.2021.1957. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1957>. Acesso em: 26 maio. 2025.

SOUZA, R. S. R. E.; DINIZ, M. Diálogos entre educação, cidade e patrimônio: Investigando produções científicas brasileiras. **Educação & Formação**, v. 7, p. e6779, 2022. DOI: 10.25053/redufor.v7i1.6779. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/6779>. Acesso em: 27 maio. 2025.

SOUSA, F. E. de; FREIESLEBEN, M. A educação como fator de desenvolvimento regional. **Revista FAE**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 163–178, 2018. Disponível em: <https://revistafae.fae.emnuvens.com.br/revistafae/article/view/571>. Acesso em: 28 maio. 2025.